

Relatório #75

## Selic a 13,75%: é mais do que a hora de investir em renda fixa

10 de agosto de 2022

Olá, investidor!

Como vai?

### ► Sumário

No relatório de hoje, falarei sobre a recente elevação da Selic, a taxa básica de juros brasileira, e como esse movimento afeta a economia e os investimentos em renda fixa. Analisarei, ainda, as melhores opções disponíveis no mercado para você se beneficiar da alta dos juros sem correr grandes riscos.

Boa leitura!

### ► Por que os juros sobem?

Antes de abordarmos os efeitos da alta dos juros, é preciso entender as razões pelas quais as taxas vêm subindo no Brasil e no exterior.

A alta dos juros é uma das ferramentas à disposição dos bancos centrais para conter a inflação. Apesar de não ser a única, ela está entre as mais eficientes.

Desde março de 2021, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central vem conduzindo um ciclo de alta dos juros, com o intuito de conter a disparada da inflação causada pela pandemia do coronavírus.

Explicando de forma simples, quando os juros sobem, o crédito se torna mais caro, fazendo com que as pessoas tomem menos empréstimos e financiamentos. Dessa forma, o consumo diminui, o que faz com que a demanda por produtos, serviços e bens duráveis diminua significativamente. Quando a demanda é menor, os preços tendem a parar de subir, ou até mesmo a cair, a depender de uma série de fatores externos.

## ► Selic em alta: até quando?



No dia 3 de agosto, o Copom aumentou a Selic em 0,50 ponto percentual, para 13,75% ao ano. A elevação ocorreu no período em que a inflação medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) acumulava alta de 11,89% nos últimos 12 meses, encerrados em junho.

Contudo, já se nota uma tendência de desaceleração da inflação por aqui, especialmente diante do recuo dos preços do petróleo e de uma série de grãos no mercado internacional. Somam-se a esses fatores as medidas anunciadas pelo governo para reduzir os preços dos combustíveis, dentre as quais merecem destaque as reduções tributárias.

No IPCA-15 de julho, indicador utilizado como uma prévia da inflação, notam-se deflações de 1,08% do grupo “transportes” e 0,78% do grupo “habitação”. O índice geral teve alta de 0,13, sinalizando uma forte desaceleração da inflação no mês.

Portanto, com a inflação dando sinais de arrefecimento e com as cadeias produtivas globais se recuperando da pandemia, **o mercado projeta que o atual ciclo de alta de juros no Brasil está terminando**. A principal aposta é que a última elevação dos juros deverá ocorrer na reunião do Copom de setembro. A expectativa é de uma nova alta de 0,5 ponto percentual, suficiente para alçar a Selic aos 14,25% ao ano.

## ► Como a alta dos juros afeta o mercado



Com os juros em ascensão pelo mundo, notou-se uma abrupta mudança de tendência nos mercados globais, na forma de **migração de capital de investimentos mais arriscados**, como ações de empresas de crescimento acelerado e criptoativos, **para alternativas consideradas mais seguras, como a renda fixa** ou ações de companhias consolidadas que atuam em setores perenes, como o financeiro e o industrial.

Isso ocorre, principalmente, porque a alta dos juros torna o crédito mais caro e reduz a liquidez da economia, além de elevar os rendimentos pagos por ativos de renda fixa, desestimulando o investimento em produtos que oferecem mais risco.

A mudança de postura dos bancos centrais tende a afetar drasticamente os rumos do mercado. Portanto, é imprescindível adequar seus investimentos a esse novo cenário, que também cria uma série de oportunidades.

## ► Onde investir para surfar a alta dos juros

Em se tratando de renda fixa, os títulos públicos pós-fixados disponíveis para compra no Tesouro Direto são uma boa opção de investimento para quem quer se beneficiar do contexto atual.

Esses títulos dividem-se em **Tesouro Selic**, aqueles que possuem a rentabilidade indexada à taxa Selic, e **Tesouro IPCA+**, cuja rentabilidade é a soma da variação da inflação a uma taxa prefixada. Com a Selic em alta, **o juro real**, ou seja, **a rentabilidade dos investimentos menos a inflação**, deve se manter em patamares atrativos no curto e médio prazo, mesmo que a inflação fique acima da meta neste ano.

Para quem preza por investimentos com alta liquidez, ou seja, os mais fáceis de resgatar, os **fundos DI**, que visam replicar o desempenho da taxa de Certificado de Depósito Interbancário (CDI) são uma opção interessante, uma vez que o CDI tende a acompanhar a alta dos juros.



No mercado de **ações**, por outro lado, as coisas tendem a ficar mais complicadas. Com juros em alta, os investidores passam a adotar uma postura mais cautelosa, e aqueles com perfil mais conservador acabam optando pela renda fixa.

Contudo, a conjuntura atual deve impactar menos as empresas consolidadas que atuam em setores perenes, e pode até mesmo ser favorável para os grandes bancos, que conseguem aumentar o *spread* bancário em momentos de Selic mais alta, e para as seguradoras, que normalmente alocam seus recursos em renda fixa.

## ► Conclusão

Com o ciclo de alta dos juros se aproximando do fim, investir em renda fixa volta a ser atrativo no Brasil, especialmente pensando no curto e médio prazo. O momento é ideal para quem quer aportar de forma segura em ativos com boa rentabilidade.

Entretanto, o mercado de ações também oferece boas oportunidades, especialmente para os investidores com visão de longo prazo, uma vez que muitos ativos listados na Bolsa vêm sendo negociados a preços bastante atrativos. Os papéis de boas empresas podem voltar a subir tão logo fatores que trazem incerteza para o mercado saiam de cena.

Por hoje é isso, e até a próxima!

Rafael Bevilacqua

Estrategista-chefe e sócio fundador da Levante

**DISCLAIMER**

Este material foi elaborado exclusivamente pela Levante Ideias de Investimos e pelo analista Felipe Bevilacqua (sem qualquer participação do Grupo UOL) e tem como objetivo fornecer informações que possam auxiliar o investidor a tomar decisão de investimento, não constituindo qualquer tipo de oferta de valor mobiliário ou promessa de retorno financeiro e/ou isenção de risco. Os valores mobiliários, discutidos neste material, podem não ser adequados para todos os perfis de investidores que, antes de qualquer decisão, deverão realizar o processo de *suitability* para a identificação dos produtos adequados ao seu perfil de risco. Os investidores que desejem adquirir ou negociar os valores mobiliários cobertos por este material devem obter informações pertinentes para formar a sua própria decisão de investimento. A rentabilidade de produtos financeiros pode apresentar variações e seu preço pode aumentar ou diminuir, podendo resultar em significativas perdas patrimoniais. Os desempenhos anteriores não são indicativos de resultados futuros.